

“Eventos Como os Actuais Acontecem Uma Vez Cada 100 Anos”

Entrevista com Sergey Glazyev, ministro da Integração e Macroeconomia da Comissão Económica Euroasiática, e antigo conselheiro presidencial russo.

A EIR em Português agradece ao site Geopol.pt pela gentileza de dar permissão para que reproduzamos a sua tradução ao português desta entrevista marcante, outorgada pelo Dr. Glazyev à publicação russa [Business Gazeta](http://BusinessGazeta.ru) em 2 de Abril de 2022. *Em 1999, a EIR traduziu ao inglês e publicou o livro do Dr. Glazyev, Genocídio: A Rússia e a Nova Ordem Mundial.*

“Depois de não terem conseguido enfraquecer a China de frente através de uma guerra comercial, os americanos transferiram o golpe principal para a Rússia, que vêem como um elo fraco na geopolítica e economia global. Os anglo-saxões procuram implementar as suas eternas ideias russofóbicas de destruir o nosso país e, ao mesmo tempo, enfraquecer a China, porque a aliança estratégica entre a Rússia e a China está para além do alcance dos Estados Unidos”, diz Sergey Glazyev, membro da Academia das Ciências da Rússia e antigo conselheiro presidencial. Glazyev fala-nos sobre as oportunidades que agora se abrem para a economia russa, se o Banco Central está a favorecer o inimigo e se uma nova moeda global irá substituir o dólar.



Conselho da Federação da Assembleia Federal
Sergei Glazyev

Sergey Yuryevich, comentando os trágicos acontecimentos de hoje, escreveu no seu canal do Telegram que era necessário ler o seu livro sobre “A última guerra mundial”, escrito há cerca de 6 anos. Como conseguiu prever tudo com tanta precisão?

O facto é que existem padrões de desenvolvimento económico a longo prazo, cuja análise e compreensão nos permite prever eventos que estão actualmente a ter lugar. Estamos agora a viver uma mudança simultânea nas estruturas tecnológicas e económicas mundiais, enquanto a base tecnológica da economia está a mudar, a

transição para tecnologias fundamentalmente novas está a ter lugar, e o sistema de gestão está também a ser transformado. Este tipo de acontecimento ocorre cerca de uma vez por século. Contudo, os padrões tecnológicos mudam cerca de uma vez em cada 50 anos, e a sua mudança é normalmente acompanhada por uma revolução tecnológica, depressão e uma corrida armamentista. E os padrões económicos mundiais mudam uma vez em cada 100 anos, e a sua mudança é acompanhada por guerras mundiais e revoluções sociais. Isto deve-se ao facto de a elite dominante dos países centrais da estrutura económica do velho mundo impedir as mudanças, não ter em conta o aparecimento de sistemas de gestão mais eficazes, tentar bloquear o desenvolvimento de novos líderes mundiais que os utilizam, e tentar manter a sua hegemonia e posição de monopólio por qualquer meio, incluindo os militares e revolucionários.

Digamos, há 100 anos atrás, o Império Britânico tentava manter a sua hegemonia no mundo. Quando já estava a perder economicamente para os recursos combinados do Império Russo e da Alemanha, foi desencadeada a Primeira Guerra Mundial provocada pela inteligência britânica, durante a qual os três impérios europeus se autodestruíram. Estou a falar do colapso da Rússia czarista, dos impérios alemão e austro-húngaro, mas isto também inclui o Quarto Exército otomano. Quanto à Grã-Bretanha, manteve o domínio global durante algum tempo e tornou-se mesmo o maior império do planeta. Mas devido às leis inexoráveis do desenvolvimento sócio-económico, o sistema económico mundial colonial, baseado de facto no trabalho escravo, já não podia proporcionar crescimento económico. Introduziu dois modelos políticos completamente novos de modelo soviético e americano – demonstrou uma eficiência de produção muito maior, porque foram organizados segundo

princípios diferentes: não para o capitalismo familiar privado, e o poder das grandes empresas transnacionais com estruturas centralizadas de regulação económica e emissão monetária ilimitada usando moeda fiduciária (papel ou meios electrónicos – aproximadamente ed.). Permitiam a produção em massa de produtos muito mais eficazmente do que os sistemas de controlo dos impérios coloniais do século XIX.

A emergência de estados sociais na URSS e nos Estados Unidos com sistemas de gestão centralizada tornou possível dar um forte salto no seu desenvolvimento económico; na Europa, o sistema de governação empresarial foi formado, infelizmente, de acordo com o modelo nazi na Alemanha, e também não sem a ajuda da inteligência britânica. Hitler, apoiado pelas agências de inteligência britânicas e pelo capital americano, implantou rapidamente um sistema centralizado de governação empresarial na Alemanha, o que permitiu ao Terceiro Reich assumir rapidamente toda a Europa. Com a ajuda de Deus, derrotamos este fascismo alemão (ou melhor, europeu – tendo em conta as realidades de hoje). Depois disso, dois modelos permaneceram no mundo, a que me refiro como a ordem económica mundial imperial: o soviético e o ocidental (com o centro nos Estados Unidos). Após o colapso da União Soviética, que não conseguiu resistir à concorrência global devido ao facto de o sistema de gestão da directiva não ser suficientemente flexível para responder às necessidades do progresso tecnológico, os Estados Unidos durante algum tempo conquistaram o domínio global.

Mas agora este período de “solidão unipolar americana” já está a passar, e provavelmente não só graças à Rússia, mas antes de mais à China e às regiões asiáticas enquanto tal. Não é verdade?

De facto, as estruturas hierárquicas verticais características do sistema económico mundial imperial revelaram-se demasiado rígidas para assegurar processos de inovação contínuos e perderam a sua eficácia comparativa para assegurar o crescimento da economia mundial. Na sua periferia, formou-se uma nova ordem económica mundial, baseada em modelos de gestão flexíveis, uma organização em rede da produção, onde o Estado trabalha como integrador, combinando os interesses de vários grupos sociais em torno da consecução de um objectivo – elevar o bem-estar público. O exemplo mais impressionante de uma economia mundial integrada é hoje a China, que tem sido três vezes mais rápida do que a taxa de crescimento da economia americana durante mais de 30 anos. Neste momento, a China já ultrapassa os Estados Unidos em termos de produção, exportações de bens de alta tecnologia e taxas de crescimento.

Outro exemplo do modelo da nova ordem económica mundial, a que chamámos integral (devido ao facto de o Estado nela integrar todos os grupos sociais que diferem nos seus interesses), é a Índia. Tem um sistema político diferente, mas também tem o primado dos interesses públicos sobre os interesses privados, e o Estado procura maximizar as taxas de crescimento a fim de combater a pobreza. Neste sentido, a nova ordem económica mundial é ideologicamente socialista. Ao mesmo tempo, utiliza mecanismos de mercado de concorrência, o que permite assegurar a maior concentração de recursos para a revolução tecnológica, a fim de assegurar saltos económicos baseados numa nova ordem tecnológica avançada. Se olharmos para a taxa de crescimento desde 1995, a economia chinesa cresceu 10 vezes, enquanto que a economia americana cresceu apenas 15 por cento. Assim, já é óbvio para todos que o ritmo do desenvolvimento económico global está

actualmente a deslocar-se para a Ásia: A China, a Índia e os países da Indochina já produzem mais produtos do que os Estados Unidos e a União Europeia. Se acrescentarmos o Japão ou a Coreia, onde o sistema de gestão é semelhante nos seus princípios de integração da sociedade em torno do objectivo de melhorar o bem-estar público, podemos dizer que hoje em dia esta nova ordem económica mundial já domina o mundo, e o centro de reprodução da economia mundial mudou-se para o Sudeste Asiático. É claro que a elite governante americana não pode aceitar isto.

Adiante, diria eu...

Sim. Eles, tal como o Império Britânico fez em tempos, procuram manter a sua hegemonia no mundo. Os acontecimentos que hoje ocorrem são uma manifestação de como a elite financeira e oligárquica de poder dos Estados Unidos está a tentar manter o domínio mundial. Pode-se dizer que nos últimos 15 anos, tem vindo a travar uma guerra híbrida global, procurando cativar países fora do seu controlo e conter o desenvolvimento da RPC. Mas devido ao já arcaico sistema de gestão, eles não o podem fazer. A crise financeira de 2008 foi um momento de transição, em que o ciclo de vida da ordem tecnológica cessante terminou realmente e o processo de redistribuição em massa do capital para uma nova ordem tecnológica começou, cujo núcleo é um complexo de nanobioengenharia e tecnologias de comunicação da informação. Todos os países começaram a injectar dinheiro nas suas economias. A coisa mais simples que um Estado moderno pode fazer é dar a todas as empresas acesso a dinheiro barato a longo prazo, para que possam adoptar novas tecnologias. Mas se na América e na Europa tais fundos foram gastos principalmente em bolhas financeiras e forneceram défices orçamentais, então na China esta enorme questão monetária foi

completamente direccionada para o crescimento da produção e para o desenvolvimento de novas tecnologias. Não houve bolhas financeiras, enquanto que a ultra-elevada monetização da economia chinesa não levou à inflação, o crescimento da oferta monetária foi acompanhado por um aumento da produção de bens, a introdução de novas tecnologias avançadas e um aumento do bem-estar público.

Actualmente, a concorrência económica já levou ao facto de os Estados Unidos terem perdido a sua liderança. Se bem se lembra, Donald Trump tentou conter o desenvolvimento da China através de uma guerra comercial, mas nada resultou disso.

Porque não? Será que Trump, que está habituado a correr riscos e a ir com tudo, não teve determinação suficiente?

E mesmo Trump não o conseguiu fazer, porque a China tem um sistema de gestão mais eficiente, que nos permite concentrar os recursos de produção disponíveis tão completamente quanto possível. Ao mesmo tempo, uma gestão eficaz do dinheiro mantém a questão do dinheiro no contorno da reprodução alargada do sector real da economia, concentrando-se no financiamento de investimentos de desenvolvimento. A China atingiu a taxa de poupança mais elevada de qualquer país: cerca de 45% do PIB é investido, em comparação com 20% nos Estados Unidos ou na Rússia. Isto, de facto, assegura a taxa de crescimento ultra-elevada da economia chinesa.

Em geral, os Estados Unidos estavam condenados à derrota nesta guerra comercial, porque o Reino do Meio pode produzir produtos de forma mais eficiente e financiar o desenvolvimento mais barato. Todo o sistema bancário na China é estatal – de propriedade do Estado, opera como uma única instituição de desenvolvimento,

dirigindo fluxos de caixa para expandir a produção e desenvolver novas tecnologias. Nos Estados Unidos, o fornecimento de dinheiro é utilizado para financiar o défice orçamental e é reafectado a bolhas financeiras. Como resultado, a eficiência do sistema financeiro e económico dos EUA é de 20% – apenas um em cada cinco dólares atinge o sector real, e na China quase 90% (ou seja, quase todo o yuan criado pelo Banco Central da RPC) alimenta os contornos da expansão da produção e assegura um crescimento económico ultra-elevado.

As tentativas de Trump para limitar o desenvolvimento da China através de métodos de guerra comercial falharam. Ao mesmo tempo, elas tiveram um efeito bumerangue sobre os próprios Estados Unidos. Então os americanos abriram uma frente de guerra biológica, lançando o coronavírus na China, esperando que a liderança chinesa não enfrentasse esta epidemia e que o caos surgisse na China. No entanto, a epidemia demonstrou uma fraca eficácia dos cuidados de saúde e criou o caos nos próprios Estados Unidos. O sistema de gestão chinês também demonstrou aqui uma eficiência muito maior. Na China, a taxa de mortalidade é significativamente mais baixa, e eles enfrentaram a pandemia muito mais rapidamente. Já em 2020, atingiram mesmo um crescimento económico de 2%, enquanto que nos Estados Unidos houve um declínio de 10% do PIB (os analistas notaram a maior queda desde a Segunda Guerra Mundial). Agora os chineses recuperaram taxas de crescimento de cerca de 7% por ano, e não há dúvida de que a China continuará a desenvolver-se com confiança, expandindo a produção de um novo modo tecnológico.

Paralelamente à guerra comercial contra a China, os serviços especiais dos EUA preparavam uma guerra contra a Rússia,

uma vez que a tradição geopolítica anglo-saxónica considera o nosso país como o principal obstáculo ao estabelecimento do domínio mundial pelo poder e pela elite financeira dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha. Devo dizer que a guerra contra a Federação Russa se desenrolou imediatamente após a anexação da Crimeia e após os serviços especiais americanos terem organizado um golpe de Estado na Ucrânia. Pode dizer-se que enganaram a Rússia para que concordasse com a ocupação americana da Ucrânia, considerando-a como um fenómeno temporário. No entanto, os americanos enraizaram-se na Praça, criaram não só pontos fortes, levantando nazis sob a sua asa, mas também treinaram as forças armadas nazis, deram aos nazis a oportunidade de obter uma educação militar, treinaram-nos nas suas academias, e “fulminaram” com eles todas as Forças Armadas da Ucrânia. E durante 8 anos, prepararam as Forças Armadas da Ucrânia para combater o único inimigo – a Rússia. Enquanto os meios de comunicação social, que também são completamente controlados pelos americanos na Ucrânia, formaram uma imagem do inimigo na consciência pública.

Além disso, os Estados Unidos utilizaram a moeda e a frente financeira de uma guerra híbrida contra a Federação Russa. Já em 2014, impuseram as primeiras sanções financeiras e anularam uma parte significativa dos empréstimos ocidentais da economia russa. Agora estamos a assistir à fase seguinte, em que efectivamente desligaram a Rússia do sistema monetário e financeiro mundial, que dominam. Contudo, tudo isto foi previsto por mim há 10 anos, com base na teoria da mudança dos padrões económicos mundiais e na lógica específica da elite governante dos EUA, centrada no domínio mundial. A geopolítica anglo-saxónica está tradicionalmente orientada contra o Império Russo e os seus sucessores, a URSS e a Federação Russa,

porque, desde a época do Império Britânico, a Rússia tem sido vista como o principal adversário dos anglo-saxões. Toda a chamada ciência geopolítica que foi escrita em Londres foi, de facto, reduzida a um conjunto de recomendações sobre como destruir a Rússia como a força dominante na Eurásia. Refiro-me a todo o tipo de construções especulativas como “países do mar contra países da terra” e assim por diante.

Por que razão é que a Rússia interferiu tanto com os “países do mar”? Afinal de contas, geograficamente nunca fizemos fronteira com o Reino Unido.

A este respeito, foi inventada uma fórmula: quem controla a Eurásia, controla o mundo inteiro. Na verdade, o desenvolvimento aplicado já foi mais longe. O famoso teorema de Zbigniew Brzezinski diz que, para derrotar a Rússia como superpotência, é preciso arrancar a Ucrânia dela. Todo este dogma político, que, ao que parece, já passou há muito tempo na história, é no entanto reproduzido hoje no pensamento da elite política americana. Devo dizer que ainda existem cursos de geopolítica do século XIX nas universidades de Harvard e de Yale, treinando os cérebros dos futuros políticos americanos contra a Rússia. Assim, de facto, eles saltaram para esta velha e testada corrente russófoba, que sempre foi característica da geopolítica anglo-saxónica. E, considerando a Rússia como o principal adversário do seu domínio no mundo, utilizaram a Ucrânia como posto avançado, ou melhor, como um instrumento para minar a Rússia, enfraquecê-la, e no futuro para a destruir como Estado soberano, de acordo com a proposta de Brzezinski.

Assim, o que está a acontecer hoje foi facilmente previsto, com base numa combinação de padrões de desenvolvimento económico a longo prazo, que na realidade condenaram o mundo a uma guerra híbrida,

e a tradicional russofobia da elite política anglo-saxónica. Após o enfraquecimento da RPC não se ter transformado numa guerra comercial, os americanos transferiram o principal golpe do seu poder militar e político para a Rússia, que vêem como um elo fraco na geopolítica e economia global. Além disso, os anglo-saxões procuram estabelecer o domínio sobre a Rússia a fim de implementar as suas eternas ideias russofóbicas para destruir o nosso país, e ao mesmo tempo enfraquecer a China, porque a aliança estratégica da Federação Russa e da RPC é demasiado forte para os Estados Unidos. Eles não têm o poder económico nem militar para nos destruir juntos, nem separadamente, pelo que os EUA procuraram inicialmente colocar-nos em desacordo com a China. Eles não tiveram sucesso. Mas eles, tirando partido da nossa, diria eu, complacência, tomaram o controlo da Ucrânia, e hoje usam a nossa república irmã como arma de guerra para destruir a Rússia, e depois para tomar o controlo dos nossos recursos a fim de, repito, reforçar a sua posição e enfraquecer a posição da China. Em geral, tudo isto é óbvio, como dois vezes dois faz quatro.

É provavelmente óbvio, mas não para todos. Há muitos adversários de uma aliança com a China entre a elite russa. Pelo menos antes da operação especial na Ucrânia, parecia a estas pessoas que a cultura americana e ocidental era mais clara e mais próxima de nós do que a sabedoria hieroglífica chinesa, e que encontraríamos sempre uma língua comum com os nossos “parceiros ocidentais”.

Em 2015, escrevi o livro *The Last World War. The United States starts and loses*, (“A última guerra mundial. Os Estados Unidos começam e perdem”), que mencionei no início da conversa – aí tudo foi pensado e justificado. Os Estados Unidos lançaram uma guerra híbrida global – que começou

com as revoluções laranja – para perturbar as regiões do mundo que não controlava – a fim de reforçar a sua posição e enfraquecer a posição dos seus concorrentes geopolíticos. Após o famoso discurso de Munique do presidente Putin (fevereiro de 2007-ed.), perceberam que tinham perdido o controlo da Rússia de Ieltsin, e ficaram seriamente preocupados. Em 2008, a crise financeira eclodiu e tornou-se claro que a transição para uma nova ordem tecnológica estava a começar, e a velha ordem económica mundial e o velho sistema de gestão já não permitiam um desenvolvimento económico progressivo. A China assumiu a liderança. Bem, então a lógica da guerra mundial desdobra-se, não apenas nas formas que existiam há 100 anos atrás, mas em três frentes condicionais – monetária e financeira (onde os Estados Unidos ainda dominam o mundo), comercial e económica (onde já perderam a primazia para a China) e informativa e cognitiva (onde os americanos também têm tecnologias superiores). Estão a utilizar as três frentes para tentar manter a iniciativa e manter a hegemonia das suas corporações.

E finalmente, a quarta frente – a biológica, que se abriu com o aparecimento do coronavírus do laboratório EUA-China em Wuhan. Hoje vemos que existia toda uma rede de laboratórios biológicos na Ucrânia. Assim, os Estados Unidos prepararam-se há muito tempo para abrir uma frente biológica para a guerra mundial.

A quinta, e mais óbvia frente é, de facto, a frente das operações militares – como o último instrumento para forçar os estados que controlam a obedecê-los implicitamente. Hoje, a situação nesta frente também está a piorar. Por outras palavras, estão em curso operações activas em todas as cinco frentes da guerra híbrida global e é possível prever o resultado. Os americanos não conseguirão vencer, tal como os britânicos não conseguiram no seu tempo. Embora a Grã-

Bretanha tenha ganho formalmente a Segunda Guerra Mundial, eles perderam política e economicamente. Os britânicos perderam todo o seu império, mais de 90 por cento do seu território, e 95 por cento da sua população. Dois anos após a Segunda Guerra Mundial, onde foram os vencedores, o seu império desmoronou-se como um castelo de cartas, porque os outros dois vencedores – a URSS e os Estados Unidos – não precisavam deste império e consideravam-no um anacronismo. Da mesma forma, o mundo não precisará das empresas multinacionais americanas, do dólar americano, das tecnologias monetárias e financeiras dos EUA e de pirâmides financeiras. Tudo isto será em breve uma coisa do passado. O sudeste asiático tornar-se-á um líder óbvio no desenvolvimento económico global, e uma nova ordem económica mundial será formada diante dos nossos olhos.

Parafraseando Erich Maria Remarque, podemos dizer que as mudanças vieram finalmente para a frente ocidental. Mas que sinais vê do desaparecimento iminente deste poderoso sistema global?

Depois de os americanos terem primeiro apreendido as reservas cambiais venezuelanas e as terem entregue à oposição, depois as reservas cambiais afegãs, antes disso – as iranianas, e agora – as russas, tornou-se absolutamente claro que o dólar deixou de ser a moeda mundial. Depois dos americanos, esta estupidez também foi cometida pelos europeus – o euro e a libra deixaram de ser as moedas mundiais. Portanto, o velho sistema monetário e financeiro está a viver os seus últimos dias. Depois dos dólares americanos de que ninguém precisa serem enviados de volta dos países asiáticos para a América, o colapso do sistema monetário e financeiro global baseado no dólar e no euro é inevitável. Os países líderes estão a mudar

para as moedas nacionais, e o euro e o dólar já não são reservas de divisas.

Como vê o mundo após o desaparecimento do monopólio do dólar?

Estamos actualmente a trabalhar num projecto de acordo internacional sobre a introdução de uma nova moeda de liquidação mundial, ligada às moedas nacionais dos países participantes e a bens transaccionados em bolsa que determinam valores reais. Não vamos precisar dos bancos americanos e europeus. Um novo sistema de pagamento baseado em tecnologias *blockchain* digitais modernas para desenvolver-se no mundo inteiro, onde os bancos estão a perder a sua importância. O capitalismo clássico baseado em bancos privados é uma coisa do passado. O direito internacional está a ser restaurado. Todas as principais relações internacionais, incluindo a questão da circulação monetária mundial, estão a começar a ser formadas com base em contratos. Ao mesmo tempo, a importância da soberania nacional está a ser restaurada, porque os países soberanos estão a chegar a um acordo. A cooperação económica global baseia-se em investimentos conjuntos destinados a melhorar o bem-estar dos povos. A liberalização do comércio deixa de ser uma prioridade, as prioridades nacionais são respeitadas, e cada Estado constrói um sistema de protecção do mercado interno e do seu espaço económico que considera necessário. Por outras palavras, a era da globalização liberal chegou ao fim. Diante dos nossos olhos, uma nova ordem económica mundial está a ser formada – uma ordem integral, na qual alguns estados e bancos privados perdem o seu monopólio privado na questão do dinheiro, no uso da força militar, e assim por diante.

E porque nomeou o seu livro “A última guerra mundial”? O que o faz esperar que

esta guerra global seja realmente a última?

Chamei a esta guerra mundial a última, porque vemos que existem vários cenários de movimento fora da crise de hoje. O primeiro cenário, que já descrevi, é um cenário calmo e próspero. Consiste na superação do monopólio dos EUA. Para o fazer no sector financeiro, é necessário abandonar o dólar. Para ultrapassar o monopólio na esfera da informação e cognitiva, precisamos de isolar o nosso espaço de informação do americano e mudar para as nossas próprias tecnologias de informação. Criando os seus próprios contornos de reprodução económica, mas sem o dólar americano e o euro, e confiando nas suas tecnologias de informação para gerir o dinheiro, os países da nova ordem económica mundial asseguram elevadas taxas de desenvolvimento económico, enquanto o mundo ocidental entra em colapso. Há uma situação de colapso das pirâmides financeiras, desorganização, e uma crise económica crescente, agravada pelo aumento da inflação devido à emissão descontrolada de dinheiro ao longo dos últimos 12 anos.

O segundo cenário de possível desenvolvimento dos acontecimentos é semelhante ao que Hitler quis implementar durante a mudança das estruturas económicas mundiais anteriores. Esta é uma tentativa de criar um governo mundial com uma ideologia sobre-humana. Se Hitler pensava que a nação alemã era super-humana, então os actuais ideólogos do domínio mundial impõem à humanidade uma transição para um estado pós-humano. Em contraste com o pós-humanismo do Ocidente, os países centrais da nova ordem económica mundial são caracterizados por uma ideologia socialista, embora com respeito pelos interesses privados, protecção da propriedade privada e utilização de mecanismos de mercado. Na China, Índia,

Japão e Coreia, a ideologia socialista – ou melhor, uma mistura de ideologia socialista, interesses nacionais e concorrência de mercado – domina. É esta mistura que forma um poder fundamentalmente novo e uma elite política, centrada no desenvolvimento económico e no crescimento do bem-estar das nações.

Os políticos, intelectuais e homens de negócios ocidentais têm uma abordagem diferente. O que vemos hoje é uma tentativa de criar uma certa imagem de uma nova ordem mundial com um governo mundial à cabeça, onde as pessoas são levadas para um campo de concentração electrónico. Pode-se ver pelo exemplo das restrições durante a pandemia, como aconteceu: todas as pessoas recebem etiquetas, o acesso aos bens públicos é regulado por códigos QR, e todos são forçados a caminhar em formação. A propósito, no cenário da Fundação Rockefeller em 2009, a pandemia e, de facto, tudo o que aconteceu em relação a ela foi exposto de uma forma espantosa – eles realmente previram o futuro. Este cenário chamava-se *Lockstep*, ou seja, “Caminhar em formação”, e o mundo ocidental seguiu-o. Ao sacrificarem os seus próprios valores democráticos, as pessoas estão a ser forçadas a obedecer a ordens. Organizações internacionais, incluindo a Organização Mundial de Saúde, são utilizadas como uma espécie de base para a montagem de um governo mundial que estaria subordinado ao capital privado.

Mas, devo dizer, Donald Trump dificultou fortemente estes planos, porque impediu a assinatura dos acordos de parceria transatlântica e trans-Pacífico, onde todos os países participantes nos tratados sacrificavam a soberania nacional em todas as disputas com as grandes empresas. E é preciso compreender que hoje em dia qualquer empresa multinacional pode agir como um investidor estrangeiro, inclusive nos Estados Unidos. De acordo com estes

acordos, se o capital estrangeiro estiver presente num negócio, então num litígio com o governo nacional, é formado um tribunal de arbitragem internacional, não é claro como e por quem foi elaborado. E estes juízes não eleitos, nomeados, de facto, por grandes empresas internacionais, resolvem estas disputas. Na realidade, a questão era que o Estado estava a perder toda a soberania na regulação das relações com as grandes empresas. No entanto, Trump parou o acordo – os Estados Unidos não o assinaram. Assim, o processo de formação de um governo mundial foi interrompido. Esta é a segunda alternativa, e está actualmente a atravessar uma crise devido ao colapso da ideia de globalização e ao abandono gradual de restrições “pandémicas”.

Temos de compreender que a opção do governo mundial é incompatível com uma Rússia soberana, com a nossa independência e o nosso papel no mundo. No cenário globalista, a Federação Russa é considerada como um território que se destina à exploração por corporações multinacionais ocidentais. Ao mesmo tempo, a “população indígena” deveria “servir os seus interesses”. Neste cenário, a Rússia desaparece como uma entidade independente, tal como a China. O governo do mundo ocidental pode incorporar alguns dos nossos oligarcas na sua própria versão do futuro, mas apenas com papéis secundários e terceiros.

O terceiro cenário é catastrófico. A destruição da humanidade...

O apocalipse de que todos falamos”?...

Bem, nem todos... Mas toda a gente está definitivamente com medo. A propósito, sobre os biolabs (laboratórios biológicos) americanos que sintetizam vírus perigosos, foi dito noutra livro meu, publicado um pouco mais tarde: *The Plague of the XXI Century:*

how to avoid disaster and overcome the crisis? (“A praga do século XXI: como evitar a catástrofe e ultrapassar a crise?”).

Lembro-me que em 1996, quando tive de trabalhar no Conselho de Segurança da ONU, propus desenvolver um conceito nacional de biosegurança. Porque já nessa altura, há quase 30 anos, a genética era uma ciência suficientemente avançada para sintetizar vírus dirigidos contra pessoas de uma certa raça ou de um certo sexo, uma certa idade. Isto tem sido possível há muito tempo. Pode-se criar um vírus que funcione apenas contra os brancos ou, inversamente, apenas contra os negros, apenas contra os homens ou apenas contra as mulheres. Agora os americanos vão mais longe – pode ver que, de acordo com os dados do nosso Ministério da Defesa, anunciados no dia anterior, os biolabs americanos estavam a desenvolver vírus destinados contra os eslavos. Aparentemente, é agora possível fazer um vírus contra algum grupo étnico que tem o seu próprio código genético.

O que está a acontecer hoje na Ucrânia é um eco da agonia da elite governante dos EUA, que não pode aceitar que deixe de ser um líder mundial. Isto está a tornar-se claro para todos – pelo menos para aqueles que não estão ligados aos americanos pelos seus interesses e não estão sujeitos à sua influência cognitiva.

Aqui fica um exemplo. Quando os Estados Unidos impuseram sanções anti-russas em 2014, perguntei aos meus colegas chineses: “Acha que os americanos podem impor sanções à China?” De certeza que não. Foi dito que isto era impossível, porque os Estados Unidos dependem tanto da China como a China depende dos Estados Unidos. Ou seja, será mais caro para os Estados Unidos. Dois anos mais tarde, Trump lançou uma guerra comercial contra a China. E Pequim compreende agora que a América é um inimigo que tentará afundar o milagre

económico chinês de qualquer forma possível. Antes disso, os meus colegas chineses não estavam muito convencidos com os meus argumentos, tal como o meu livro por si mencionado não influenciou grandemente a nossa elite política e económica. Os meus argumentos foram rejeitados. Embora tivéssemos dito durante muitos, muitos anos que o dólar deveria ser abandonado. As reservas cambiais deveriam ter sido retiradas dos instrumentos denominados em dólares, dos instrumentos denominados em euros para o ouro, deveriam ter mudado para a sua própria moeda e sistema financeiro, e desenvolvido as suas próprias liquidações em moedas nacionais com parceiros. Temos vindo a propor tudo isto desde a década de noventa, quando já era claro a que é que o desenvolvimento económico global estava a conduzir. E só agora, finalmente, todos viram a luz.

A julgar pela aflição que vem do campo dos liberais, bem como pelos acontecimentos na Ucrânia, nem todos viram ainda a luz.

Sim, somos confrontados com o facto de os americanos terem conseguido enganar tanto o povo ucraniano em 8 anos, que as pessoas que resistem ao exército russo, as chamadas Forças Armadas da Ucrânia, parecem simplesmente zombificadas. Eles são controlados como marionetas. Nem Zelensky comanda o exército ucraniano, nem mesmo o Ministério da Defesa da Ucrânia e o Estado-Maior General, mas sim o Pentágono. Comanda muito eficazmente do ponto de vista do combate “até ao último soldado ucraniano”, porque estes zombies não desistem. Mas eles estão numa situação absolutamente desesperada. Todos os peritos já reconheceram que a Rússia ganhou a operação militar especial, que a Ucrânia não tem qualquer hipótese de resistência, que toda a infra-estrutura militar foi destruída... as Forças Armadas da

Ucrânia (FAU) só se pode render para minimizar as perdas humanas. No entanto, os oficiais ucranianos (e especialmente, claro, os nacionalistas) agem como zombies controlados externamente – seguem instruções do Pentágono, que são recebidas nos seus computadores e tablets especiais.

Além disso, os americanos comandam as suas marionetas a partir das FAU, dividindo-as em unidades apropriadas. A cada unidade é atribuído um número, e a cada número são atribuídas tarefas pela inteligência artificial militar todos os dias. Eles realmente transformaram 150-200 mil pessoas numa máquina de combate que funciona sem pensar, apenas seguindo estupidamente todas as suas ordens. Durante 8 anos, conseguiram forçar uma parte significativa da juventude da Ucrânia não só a juntar-se às fileiras contra a Rússia, mas também através de lavagem ao cérebro, transformando-os nas suas próprias ferramentas de fraca vontade. Não só são carne para canhão, mas também carne para canhão controlada.

Estando numa situação absolutamente desesperada, rodeados, privados de qualquer abastecimento, continuam uma guerra sem sentido, condenando-se à morte, e arrastando os civis circundantes com eles para a sepultura. Este é um bom exemplo de como as tecnologias modernas americanas funcionam. Temos de compreender que estamos perante uma força muito poderosa. Sabe, já ouvimos anteriormente de peritos e políticos russos que os próprios ucranianos sufocarão economicamente e depois rastejarão até nós e, em geral, para onde a Ucrânia irá sem nós. Afinal, não conseguirá assegurar a reprodução da economia sem os nossos recursos e cooperação connosco. De facto, a Ucrânia entrou num estado de catástrofe económica, como esperávamos, como explicámos aos nossos colegas ucranianos. A República da Ucrânia tornou-se o Estado mais pobre da Europa,

juntamente com a Moldávia. Devido ao facto de a Ucrânia ter cortado laços com a Rússia, as suas perdas ascendem a mais de 100 mil milhões de dólares. No entanto, isto não impediu que estrategistas e instrutores políticos americanos e britânicos formassem um exército de 200 mil criminosos e assassinos que representam de forma completamente inadequada a realidade e são um instrumento obediente dos interesses americanos.

Não há marionetas americanas igualmente obedientes na Rússia? Foram apenas os ucranianos que foram zombificados?

Sim, e aqui deve notar-se que quase a mesma coisa está a acontecer com o Banco Central, mas apenas sobre outras questões.

Antes de passarmos ao Banco Central, deixem-me esclarecer. O senhor disse que está a trabalhar na introdução de uma nova moeda. E em que formato e com que equipa?

Há bastante tempo que o fazemos, como grupo de cientistas. Há 10 anos, no Fórum Económico de Astana, apresentámos o relatório “Para um crescimento sustentável através de uma ordem económica mundial justa” com um projecto de transição para um novo sistema financeiro e monetário mundial, onde propusemos a reforma do sistema do FMI com base nos chamados direitos de saque especiais, e com base no sistema modificado do FMI – para criar uma moeda de liquidação mundial. Esta ideia, aliás, despertou grande interesse na altura: o nosso projecto foi reconhecido como o melhor projecto económico internacional. Mas num sentido prático, nenhum dos estados representados pelas autoridades monetárias oficiais estava interessado neste projecto, embora houvesse publicações de Nursultan Nazarbayev, que propôs uma nova moeda. Penso que ele sugeriu o altyn.

O altyn? Isso é interessante.

Sim, o seu artigo sobre este tema foi publicado mesmo no Izvestia. Mas negociações e decisões políticas não foram alcançadas, e até hoje é mais uma proposta de um perito. Mas estou certo de que a situação actual nos obriga a criar muito rapidamente novos instrumentos de pagamento e liquidação, porque o dólar será praticamente impossível de utilizar, e o rublo não consegue encontrar estabilidade devido à política incompetente do Banco Central, que, de facto, actua no interesse dos especuladores internacionais.

Objectivamente, o rublo poderia tornar-se uma moeda de reserva juntamente com o yuan e a rupia. Seria possível mudar para um sistema de múltiplas moedas com base nas moedas nacionais. Mas ainda é necessário algum equivalente para a fixação de preços... Estamos actualmente a trabalhar no conceito do espaço de troca da União Económica Eurasiática (UEE), onde uma das tarefas é formar novos critérios de fixação de preços. Isto é, se quisermos que os preços do metal não se estabeleçam em Londres, mas sim na Rússia, tal como os preços do petróleo, isso implica o aparecimento de alguma outra moeda, especialmente se quisermos agir não só no seio da UEE, mas na Eurásia em sentido lato, no centro de uma nova ordem económica mundial, à qual me refiro à China, Índia, Indochina, Japão, Coreia e Irão. Estes são grandes países que têm todos os seus próprios interesses nacionais sólidos. Após a actual história de confiscação de reservas em dólares, penso que nenhum país vai querer utilizar a moeda de outro país como moeda de reserva. Por isso, precisamos de um novo instrumento. E uma tal ferramenta, do meu ponto de vista, pode primeiro tornar-se uma certa moeda sintética de liquidação, que seria criada como tal com um índice associado.

Posso obter alguns exemplos? O que é isso?

Bem, digamos que o ecu – houve uma tal experiência na União Europeia. Foi construído como um cabaz de moedas. A todos os países que participam na criação de uma nova moeda de liquidação deve ser concedido o direito de ter a sua moeda nacional neste cabaz. E a moeda comum é formada como um índice, como uma componente média ponderal destas moedas nacionais. Bem, a isto temos de acrescentar, no meu ponto de vista, mercadorias negociadas em bolsa: não só ouro, mas também petróleo, metal, cereais e água. Uma espécie de pacote de mercadorias que, de acordo com as nossas estimativas, deveria incluir cerca de 20 produtos. Estes, de facto, formam proporções de preços globais e, portanto, devem participar no cabaz para formar uma nova moeda de liquidação. E precisamos de um tratado internacional que defina as regras para a circulação desta moeda e crie uma organização como o Fundo Monetário Internacional (FMI). A propósito, propusemos a reforma do FMI há 15 anos atrás, mas agora já é óbvio que o novo sistema financeiro monetário terá de ser construído sem o Ocidente. Talvez um dia a Europa venha a juntar-se a ele e os Estados Unidos sejam também obrigados a reconhecê-lo. Mas ainda é evidente que teremos de o construir sem eles, por exemplo, com base na Organização de Cooperação de Xangai (OCX). Contudo, estes são apenas desenvolvimentos especializados que submeteremos aos organismos oficiais para consideração no próximo mês.

E a nível do governo ou a nível do presidente?

Enviá-lo-emos primeiro para os departamentos responsáveis por estas questões. Iremos realizar debates,

desenvolver algum entendimento comum, e depois chegar ao nível político.

No seu canal do Telegram, escreve que tudo o que resta é nacionalizar o Banco da Rússia. Porque é que isto ainda não foi feito? Aqui, por exemplo, há um ponto de vista de que Elvira Nabiullina permanece no seu posto no ecrã, mas deixará de administrar nada de sério. Pode refutar ou confirmar isto?

Sabe, não quero fazer teorias da conspiração.

Será isto uma “teoria da conspiração”?

Sim, podemos falar sobre o Estado profundo americano em termos de conspiração. Neste caso, a teoria da conspiração é uma linha de pensamento muito apropriada, porque na América, atrás do ecrã dos presidentes e congressistas, existem algumas forças profundas – serviços especiais. Mas no nosso país, tudo é simples. Temos um presidente, um chefe de Estado, que construiu um poder vertical. Compreendemos absolutamente como o Parlamento e o sistema judicial são formados. Aqui, em geral, não se pode aplicar a teoria da conspiração. O mesmo se aplica ao Banco Central. Permitam-me lembrar que, de acordo com a lei sobre o Banco Central, todos os seus bens são propriedade federal. Por conseguinte, o Banco Central é uma estrutura estatal, não há dúvidas sobre isto.

E sempre disseram que ele estava separado, como se estivesse à margem.

O Conselho de Administração do Banco Central é nomeado pela Duma, por recomendação do presidente. Trabalhei durante muitos anos como seu representante no Conselho Bancário Nacional, que supervisiona as actividades do Banco Central. Posso dizer que não há

dúvida de que o Banco Central é o órgão estatal que regula a circulação monetária, e é também o principal regulador financeiro do país.

Mas há nuances. A Constituição estipula que o Banco Central conduz a sua política de forma independente, ou seja, é independente do governo. Mas isto não significa que seja independente do Estado. Esta é uma agência governamental. O nosso sistema judicial é também oficialmente independente do governo. Por conseguinte, sendo um órgão independente, o Banco Central é no entanto formado como um órgão regulador estatal e deve cumprir as tarefas necessárias para o desenvolvimento da nossa economia. Para tal, é necessário envolver o Banco Central no planeamento estratégico. A teoria clássica da circulação monetária estipula que o principal objectivo das autoridades monetárias, ou seja, do Banco Central, deve ser o de criar condições para maximizar o investimento. Isto é exactamente o que o sistema bancário deve fazer – maximizar o investimento. Porque quanto mais investimento, mais produção, maior é o nível técnico, menores são os custos e menor é a inflação, mais estável é a economia. A estabilização macroeconómica na economia moderna só pode ser conseguida com base no progresso científico e tecnológico acelerado. As tentativas de atingir a inflação (palavra-chave), que o Banco Central tem vindo praticamente a seguir nos últimos 10 anos, manipulando a taxa de juro principal e contra o pano de fundo da taxa de câmbio de rublo livremente flutuante, são curtas – míopes, primitivas e contraproducentes. Estas medidas são geralmente recomendadas pelo FMI para os países subdesenvolvidos que não sabem pensar por si próprios.

O que é o objectivo da inflação na prática? Trata-se de um conjunto de medidas extremamente primitivo e internamente contraditório, cuja aplicação conduz a

economia a uma armadilha de estagflação. O Banco Central atirou o rublo para a flutuação livre, o que é absurdo do ponto de vista da orientação da inflação numa economia aberta, onde a taxa de câmbio afecta directamente os preços. E vemos como a desvalorização do rublo acelera periodicamente os preços. Além disso, reduziram a política monetária a apenas um instrumento absolutamente primitivo – a manipulação da taxa de juro principais. Mas a taxa de referência é a percentagem em que o Banco Central emite dinheiro para a economia e retira dinheiro da economia. As suas tentativas de suprimir a inflação através do aumento da taxa de juro não podem ser bem sucedidas na economia moderna, porque quanto mais alta a taxa de juro, menor o crédito, menor o investimento, menor o nível técnico e a competitividade. Um declínio neste último leva a uma desvalorização do rublo em 3-4 anos, depois de terem aumentado a taxa de juro ostensivamente para combater a inflação. Ao deixar flutuar livremente a taxa de câmbio do rublo, deixam-na essencialmente à mercê dos especuladores da moeda.

Os americanos gostam realmente desta política, por isso elogiam fortemente a liderança do nosso Banco Central e do Ministério das Finanças. Afinal de contas, o que é importante para eles? Para que tudo esteja ligado ao dólar, para que o rublo seja uma moeda „lixo”, que seja instável. E isto é um paradoxo, porque o número de reservas de divisas da Federação Russa foi recentemente 3 vezes superior à oferta de dinheiro em rublos! Isto significa que o Banco Central poderia estabilizar a taxa de câmbio a qualquer nível. Mas não o fez.

E quem são os especuladores a quem o Banco Central realmente jogou o rublo à perdição? Os principais especuladores são os fundos de cobertura americanos, que na realidade formam a taxa de câmbio do rublo ao manipularem o mercado. E o Banco

Central não repara nisto, ou melhor, parece não se aperceber. Para os manter no mercado cambial, aumentando a taxa de juro, o Banco Central mata o crédito e torna a nossa economia dependente de fontes de crédito estrangeiras, e o sistema financeiro cambial dependente dos interesses dos especuladores. É no interesse de quem o Banco Central está a trabalhar, escondendo-se atrás de palavras como “inflation targeting” (metas de inflação), que falhou vergonhosamente nos últimos anos em termos de dinâmica de preços reais. Portanto, temos o ponto mais fraco de todo o sistema de segurança nacional em geral – este é o Banco Central. A sua liderança é esmagada pelas armas cognitivas do inimigo, por outras palavras, zombificadas por elas. Na verdade, as nossas autoridades monetárias estão a fazer o que o inimigo precisa.

A propósito, provei matemática e cronologicamente que a primeira vaga de sanções só foi imposta contra a Rússia depois de o Banco Central ter preparado o terreno para tal, nomeadamente, deixando flutuar livremente a taxa de câmbio do rublo e anunciando que iria aumentar a taxa de juro se a inflação comesse no país. Assim que o Banco Central adoptou esta estranha política, os americanos impuseram imediatamente sanções. Os seus especuladores asseguraram o colapso da taxa de câmbio do rublo, que provocou uma onda inflacionista, e o Banco Central, sob as instruções do FMI, aumentou a taxa de juro, o que paralisou completamente a nossa economia. O prejuízo total causado por esta política já atingiu 50 biliões de rublos de produtos não produzidos e cerca de 20 mil milhões de rublos de investimentos não desenvolvidos. Agora precisamos de acrescentar a isto os 300 mil milhões de dólares investidos em activos estrangeiros que estão actualmente congelados – este é o prejuízo.

Portanto, quando falamos de nacionalizar o Banco Central, não estamos a falar de nacionalizá-lo formalmente (já está nacionalizado), mas sim de o introduzir numa política que seja consistente com os interesses nacionais. Agora a sua política é contrária aos interesses nacionais. E não há aqui teoria da conspiração. Podemos ver em cujos interesses uma tal política está a ser implementada. O banco central aumentou a taxa de juro para 20%, dando aos banqueiros uma posição dominante na economia. Tendo o recurso mais caro e escasso, o dinheiro, determinam que empresa irá sobreviver, e que empresa irá falir, e assim por diante. O aumento das taxas de juro faz de toda a economia russa uma refém de um punhado de banqueiros. Este é o primeiro. Segundo, a direcção do Banco Central permitiu outro colapso da taxa de câmbio do rublo e fechou o câmbio da moeda. Como resultado, os bancos tornaram-se hoje os principais especuladores da moeda: compram moeda estrangeira por cerca de 90 rublos por dólar, e vendem-na por 125 rublos. A diferença estabelece-se para eles como um super-lucro.

Mas porque é que o Banco Central da Federação Russa, na sua opinião, prossegue uma política no interesse do inimigo?

Como eu disse, ele faz isto por recomendação do FMI. Mas os seus interesses são também partilhados pelos nossos grandes bancos, que objectivamente gostam desta política, assim como pela nossa moeda e estruturas financeiras, que também estão envolvidos na manipulação da taxa de câmbio do rublo. Por conseguinte, é formado um lobby influente em torno desta política, que apoia esta política com base nos seus interesses privados. Estes interesses são contrários aos interesses do país, são directamente opostos a eles. E se olharmos para o que o Banco Central está a

fazer hoje, não tenho dúvidas de que está a prosseguir a sua política de favorecimento do inimigo. Prejudica a estabilidade macroeconómica ao permitir que especuladores internacionais manipulem a taxa de câmbio do rublo e não controla a posição monetária dos bancos que se tornaram especuladores cambiais, embora o Banco Central pudesse facilmente remover bancos do mercado cambial ao fixar a sua posição monetária, proibindo os bancos de comprar moeda. E em segundo lugar, ao aumentar a taxa de juro, o Banco Central matou de facto os investimentos no desenvolvimento da economia russa, que são muito necessários neste momento, principalmente para a substituição de importações e para o restabelecimento da soberania económica, enquanto a nossa liderança diz que não devemos ter medo de sanções, porque elas criam condições para o crescimento económico, para a substituição de importações...

Vejam, cerca de um terço das importações da UE deixaram o nosso mercado. Estas são enormes oportunidades de substituição de importações. Se partirmos do princípio que as nossas empresas começarão a desenvolver estes mercados, então desenvolveremos a uma taxa de 15% por ano. Mas isto requer empréstimos. A substituição de importações não pode ocorrer sem créditos. Precisamos de empréstimos para criar instalações de produção, desenvolver novas tecnologias, e carregar as instalações de produção inactivas. Há muito que desenvolvemos esta estratégia de desenvolvimento avançado na Academia de Ciências, e estamos a promovê-la. Mas, infelizmente, a política disparatada do Banco Central, do nosso ponto de vista, tem estruturas de influência bastante específicas que gostam dela e que a apoiam. É por isso que esta política é tão estável.

Sergey Yuryevich, se esta não é uma teoria de conspiração, então porque é que o Banco Central continua a seguir uma tal política? Apenas com base nos interesses dos lobistas?

Alguns morrem na guerra outros ganham com a guerra. Os bancos comerciais têm um lucro de 40% sobre a especulação monetária. Comprados por 90 rublos por cada dólar vendido por 125.35 rublos – nada fácil! Como resultado, estamos a experimentar uma inflação, as importações estão a tornar-se mais caras, e toda a gente vê esta taxa de câmbio maluca. Os preços de todos os bens estão a subir, mas os bancos estão a fazer super-lucros.

Mais uma vez, formou-se um lóbi muito influente em torno desta política, e para muitas pessoas admitir o fracasso de tal estratégia significa, de facto, admitir a sua incompetência e mesmo a sabotagem. E os especuladores com grandes bancos são estruturas bastante influentes no nosso país que influenciam a tomada de decisões.

Bem, e se a primeira pessoa não obtiver esta informação, ela é bloqueada?

Quando eu era conselheiro, trouxe-lhe esta informação.

Será que o ouviram?

Sim, houve discussões, discutidas no conselho económico, depois foram encerradas de modo a não incomodar os funcionários. Não quero comentá-lo agora. Vemos hoje que se não mudarmos a política monetária, ser-nos-á impossível sobreviver a esta guerra híbrida. Precisamos agora de contrariar as sanções económicas com um sério aumento da produção interna. Existem instalações de produção para isto, pessoas, matérias-primas, cérebros – também, mas não há dinheiro. Neste momento, a coisa

mais simples que o Estado pode dar às pessoas é dinheiro.

Qual é o seu sensação? Haverá algum entendimento no topo?

Penso que é necessário abordar esta questão directamente com eles.

Mas muitas pessoas chamam-lhe quase a pessoa nº1 na situação actual – uma figura pública que pode salvar a Rússia.

Obrigado por esta análise. Eu tento o meu melhor.

Só quero compreender: se antes não havia nenhum profeta na nossa Pátria, há algum agora? Será esta uma situação temporária com o Banco Central?

É tão prolongado, diria eu, por 30 anos. Se realizássemos uma política monetária competente de acordo com as exigências da nova ordem económica mundial, o sistema integrado, desenvolver-nos-íamos como a China – em 10% ao ano. Havia tais oportunidades. E temos estado praticamente a marcar o tempo durante estes 30 anos. Portanto, não se trata sequer de saber se estão a ouvir ou não, basta olhar objectivamente e ver como a China e a Índia estão a desenvolver-se e como nós estamos a desenvolver-nos. O que nos impediu de nos desenvolvermos da mesma forma?

Além disso, o sistema de gestão da nova ordem económica mundial, que descrevo nos meus livros, é universal. Funcionou com sucesso no Japão até os americanos perturbarem o crescimento económico japonês. E mesmo na Etiópia, onde também começaram a formar este modelo de gestão (e alcançaram crescimento várias vezes). Por outras palavras, este modelo de gestão universal da economia moderna, centrado no crescimento do bem-estar público através do investimento numa nova ordem tecnológica,

precisa de ser implementado. Ao mesmo tempo, é claro, a utilização orientada do dinheiro implica uma elevada responsabilidade. Atirar dinheiro de helicóptero não é o nosso forte.

Não é a nossa forma de ser.

Estamos a falar de uma questão de crédito orientado, baseado em ferramentas digitais modernas com um sistema de controlo rigoroso centrado no investimento em novas tecnologias. Sabemos como fazê-lo, como minimizar o factor humano através da introdução de tecnologias digitais, incluindo o rublo digital. Mas isto não é rentável para aqueles que ainda aderem às estratégias anteriores. Fizeram da Rússia uma vaca leiteira, e sugaram-lhe 100 mil milhões de dólares para empresas offshore. Mas agora os americanos fecharam a especulação para nós. Há uma hipótese real, temos de a utilizar.

O que aconselharia as pessoas a fazer? Agora a principal questão nos motores de busca da internet é onde investir dinheiro na era da turbulência. O que é que as pessoas devem fazer?

Antes de mais, não fazer movimentos bruscos, diria eu. Em qualquer caso, o que não é exactamente necessário – correr por dólares ou euros. Porque não sabemos o que vai acontecer a estas moedas. Se o nosso sistema estiver desligado do ocidental, então os nossos bancos não podem efectivamente investir dólares e euros em qualquer lugar, excepto na especulação monetária. Mas espero que as nossas autoridades ainda travem o mercado de divisas.

Neste contexto, o que os bancos fizeram, aumentando acentuadamente a taxa de juro dos depósitos em moeda estrangeira, acabou por ser um claro exagero, o que provocou o pânico. Penso que o rublo irá

estabilizar se, naturalmente, os especuladores forem retirados do mercado cambial e a moeda for vendida apenas a importadores e pessoas que transfiram dinheiro para o estrangeiro dentro de limites razoáveis para parentes ou que estejam a fazer uma viagem de negócios de acordo com os regulamentos. Caso contrário, bloqueiem os canais de fuga de moeda. Então, a entrada de moeda voltará ao normal.

Temos uma balança comercial muito positiva. Foi introduzida a venda obrigatória de 80% das receitas em moeda estrangeira. Se vender estas receitas na bolsa de valores, o volume de moeda será mais do que os importadores necessitam. Teremos um excedente de moeda. Isto significa que a taxa de câmbio do rublo irá fortalecer, ou seja, irá regressar aos antigos indicadores – 80 ou mesmo 70 rublos por dólar. Mas até o Banco Central remover os especuladores do mercado e permitir que os bancos comerciais se tornem tais, a taxa de câmbio do rublo não estabilizará. Assim, infelizmente, as autoridades monetárias ainda não caíram em si e não começaram a implementar a política correcta de estabilização macroeconómica, e não posso dar nenhum conselho a não ser como investir em ouro, se possível (especialmente desde que o governo retirou o IVA do ouro). Não existem outros bens reais e portos seguros.

Então, quer comprar ouro?

Comprar bens de primeira necessidade. Ou investir em bens imobiliários, em algo de confiança. Quanto a investir em dólares e euros... Eles já deixaram de ser uma moeda para nós. Esta já não é uma moeda, mas algumas obrigações de outros países que

podem ou não ser cumpridas. Por isso, precisamos de procurar outras oportunidades. Mas gostaria de salientar mais uma vez que, com a política correcta, podemos muito rapidamente estabilizar o rublo e até restabelecer o seu poder de compra.

E em que perspectiva, afinal de contas?

Pode ser feito amanhã, sabe? Os governos Primakov e Gerashchenko fizeram-no numa semana.

Poderá o governo fazer isso?

Claro que pode. Para o fazer, em geral, é preciso tomar duas decisões: fixar a posição cambial dos bancos comerciais e introduzir padrões de venda de moeda para operações não comerciais, e manter o mercado cambial livremente convertível apenas para operações comerciais. E é tudo. Pode escrever isto em 15 minutos e anunciá-lo no prazo de um dia, ou introduzi-lo no prazo de três dias, e o rublo estabilizará.

Sergey Glazyev é um economista e político russo. Doutor em Ciências Económicas, professor da Academia das Ciências da Rússia (desde 2008) e actual membro do Conselho (Ministro) das Principais Áreas de Integração e Macroeconomia da Comissão Económica Eurasiática.

Fonte: [Business Gazeta](#)

As ideias expressas no presente artigo / comentário / entrevista refletem as visões do/s seu/s autor/es, não correspondem necessariamente à linha editorial da GeoPol.

Para informação adicional, enviar email a preguntas@larouche.pub.com

